

CIDADE RESTO: COSTURAS DE UM CONCEITO

City of remains: seams of a concept

Cunha, Marina C.; Mestre (PPGAU-UFBA); docente (Faculdade Ruy Barbosa);
cuca.carmello@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta as principais questões de minha dissertação intitulada *Cidade Resto: o espaço (da) roupa e o que [sobre]vive entre Baixa dos Sapateiros e Parque Novo Mundo*, na qual faço uma elucubração sobre uma possível cidade resto, onde roupas e outros objetos descartados são agenciados por diversos sujeitos.

Palavras-chave: cidade; resto; roupa; corpo.

Abstract

This paper presents the main issues of my dissertation entitled City of Remains: the space (of) clothes and what [sur]vives between Baixa dos Sapateiros and Parque Novo Mundo, where I elucubrate about a possible city of remains, where clothes and another discarded objects are intermediated by various subjects.

Keywords: city; remain; clothing; body.

Introdução: puxando fios

As coisas e os espaços parecem perder o mistério e o interesse à medida que os usamos. Os espaços sem gente parecem mais perfeitos, assemelhados ao seu projeto, ao ideal desenhado por um sujeito. Ao ser ocupado, ao ter as paredes manchadas, o piso desgastado, os móveis improvisados, os aparatos diários fora de seus lugares certos, o espaço parece perder valor. As rachaduras nas paredes, golas puídas, as manchas dos vazamentos e dos suores, a pele suja do asfalto, o bolso furado, o cinto inventado, o ventilador empoeirado, a panela furada, as unhas sujas. “[...] Em meio à avalanche de propósitos, à avareza minuciosa incrustada na fracção circular de cada dia” (RAMOS, 2008, p.170), o desgaste, a poeira, o desuso e o tempo são elementos perturbadores. O uso, esse relacionar de corpo-objeto, corpo-espaço, corpo-corpo, objeto-espaço, é aqui o que define a cidade.

Este artigo traz para discussão uma cidade descoberta nos caminhos de uma pesquisa de mestrado. Trata-se de uma cidade conceitual que foi se mostrando durante o fazer campo, que atravessa e é atravessada o tempo todo pela cidade formal regida por poderes hegemônicos sendo, às vezes, ela mesma. Durante a pesquisa, alguns personagens conceituais nos ajudaram a encontrar os traçados irregulares dessa maneira de fazer cidade, eles nos fizeram entender essa trama e, seguindo a roupa que passava por suas mãos, nos vimos frente a questões sobre o urbanismo e a indústria da moda.

I. Personagens

Os personagens conceituais são sujeitos encontrados durante nosso trajeto, os quais retiramos de sua condição de sujeito. Eles nos encaminham, através das trocas e da abertura de seus pequenos mundos, ao encontro de nossas questões centrais e à possível descoberta de outras formas de estar na cidade e produzir subjetividades, sonhos e desejos. Para Deleuze e Guattari, o personagem conceitual não é histórico, é sim um acontecimento, existe em trânsito e tem contornos irregulares (MESQUITA, 2008). Ele tem ainda o papel de “manifestar os territórios, desterritorializações e reterritorializações absolutas

do pensamento” (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1992, p.84). Nossos personagens são, então, ora sensações, ora acontecimentos.

A Costureirinha, o Catador e o Rueiro, principais personagens e agenciadores dessa trama descoberta, podem ser a costureira de qualquer bairro, o catador de qualquer rua, o rueiro da praça de qualquer cidade. Eles são o nosso encontro com os restos urbanos, os principais agentes dessa trama complexa, a profusão de acontecimentos do fazer campo, que não necessariamente aconteceram do nosso contato com um único sujeito. Enquanto acontecimento e sensação, esses personagens podem ocorrer em qualquer sujeito que esteja imbricado na rede dessa suposta “cidade-resto”. São personagens criados para traduzir e levantar questões, conceitos, “affectos” (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1992).

Esses personagens tem em comum o fato de terem como fonte de sustento e inventividade o trato do que chamamos restos têxteis. E é através do encontro de seus três universos que nos parece razoável estabelecer conexões entre conceitos, numa possível cartografia dessa cidade resto.

A Costureirinha trabalha na Baixa dos Sapateiros, em Salvador, e tem entre suas práticas cotidianas o conserto de roupas usadas ou de acessórios fabricados na China. As roupas, em sua maioria, vêm de uma pequena loja instalada em sua própria rua e o pedido é geralmente para que ela coloque etiquetas de marcas famosas ou que modifique o estilo da roupa para que esta seja mais desejável e esteja enquadrada nas mais recentes tendências de moda. Os produtos chineses que ela faz manutenção são bolsas e mochilas que na primeira prova de uso têm os zíperes quebrados ou as alças estouradas. Nesse sentido, ela subverte a hegemonia da indústria da moda e conseqüentemente do uso e das práticas na cidade. Costura de forma a modificar o entorno, a desviar das imposições do sistema e do poder hegemônico, porém com o propósito de sobreviver e resistir na cidade.

A loja que faz pedidos de conserto para a Costureirinha compra suas roupas do Catador, que trabalha no Parque Novo Mundo, um trecho de bairro da Zona Leste de São Paulo. O Catador recebe roupas de diversas instituições de

caridade que compra a preços baixíssimos e as separa, categoriza, cataloga e embala para redistribuir pelo país. Ele não conhece marcas famosas ou preços de roupas finas, inventa novos modos de precificar as peças e segundo seu próprio entendimento dá valor ao produto que vende, transgredindo formas hegemônicas de categorizar tal matéria. O Catador separa o que são para ele pequenos tesouros que a cidade deixou de lado, vê nos restos uma possibilidade de recomeço, desvio ou construção de uma outra forma de estar na cidade.

O Rueiro transita entre os dois universos, é o morador de rua, o errante urbano. Vive dos trapos, come e veste restos, sendo ele por isso possivelmente categorizado socialmente enquanto o próprio resto. O corpo do Rueiro deixa clara a transformação que ele faz na cidade e que a cidade faz nele. O corpo que afeta o espaço, geograficamente ou socialmente, com suas vestes improvisadas, suas amarrações e trocas. É também a transformação do corpo pela cidade. A cor da pele que vai se acinzentando pelo ar poluído, a poeira das calçadas, a estrutura do corpo que vai perdendo gordura, enrijecendo os músculos, mudando a postura. Os hábitos que se tornam públicos: o sexo, o banheiro, o sono. As táticas de sobrevivência – caixas de papelão, sacos de lixo, jornais. Na cidade resto, ele é o próprio “corpo-resto”.

As ações executadas pela Costureirinha, pelo Catador e o Rueiro passam pela necessidade de estar na cidade. É preciso resistir e sobreviver diariamente, para isso aprendem, apreendem, desenvolvem e se utilizam de táticas e truques. Através do trabalho, do remendo, do uso de retalhos e da invenção de uma nova categoria de objeto, essa maneira de estar na cidade vai contra o caminho normatizado do trabalho formal. O resto é ressignificado através desses sujeitos que selecionam, usam o corpo como ferramenta de trabalho, quase numa coreografia de catar e restaurar. O que seria resto é revertido e mandado de volta para ser comercializado e reutilizado. O Catador, o motorista do caminhão, o lojista ou o trabalhador que recebe as roupas, a Costureirinha, o futuro usuário, o Rueiro que pegou na rua as roupas que o Catador considerou ruins: a roupa e os corpos formam uma rede de relações do resto.

Para além das questões sociais imbricadas nessa condição de sobrevivência através do resto, o que nos encanta nesta pequena trama

descoberta é a possibilidade de ter essa matéria transformada e trazida de volta, neste jogo entre macro e micropolítica (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1996). O resto articulado aos corpos e ao que é novo, nessa zona fronteira porosa, onde nada é fixo.

II. Temporalidade

Apesar de toda mudança estrutural, de velocidade e de valores, advindas da Revolução Industrial e seus desdobramentos modernos, ainda persistem algumas mãos lentas. Essas, como a da Costureirinha, do Catador ou do Rueiro. Mãos lentas que não seguem a velocidade e os valores impostos pelo próprio espaço urbano, que lidam com um estado de matéria em espera, que é o resto.

Esta hipotética “cidade-resto”, imperada pela espera e o tempo lento, é aqui buscada através das roupas usadas, estas que aguardam para serem vendidas, utilizadas, catadas, separadas ou reformadas. Estes lugares resto poderiam ser categorizados enquanto espaços opacos (SANTOS, 1994), “espaços do aproximativo, da criatividade, da lentidão, abertos, movediços e compartilhados, as zonas opacas dos habitantes ordinários, os anônimos da cidade, considerados, pela lógica do espetáculo, ‘perdedores’” (OLIVIERI, 2011). Habitantes estes que podem ser “homens lentos” (SANTOS, 1994), esses que vivem uma temporalidade substancialmente diferente da imposta pelo poder hegemônico, diferente do pensamento que domina a lógica das grandes cidades: a da velocidade, da higiene, das formas e caminhos determinados.

Nesse sentido, se a vida urbana impõe a pergunta: “que possibilidades restam de criar laço, de tecer um território existencial e subjetivo na contramão da serialização e das reterritorializações propostas a cada minuto pela economia material e imaterial atual” (PELBART, 2003, p. 22), o Parque Novo Mundo e a Baixa dos Sapateiros com seus sujeitos agentes, aqui trazidos enquanto personagens, exibem sorratamente uma resposta, e é essa própria trama de cidade resto uma das possibilidades,

em que o desperdício, longe de figurar como resíduo irracional, recebe uma função positiva, substituindo a utilidade racional numa funcionalidade social superior e se revela, no limite, como a função essencial – tornando-se o aumento da despesa, o supérfluo, a inutilidade ritual do “gasto para nada”, o lugar de produção de valores,

das diferenças e do sentido – tanto no plano individual como no plano social. (BAUDRILLARD, 1995, p. 40)

Estes espaços e corpos resistem. Resistem por serem resto? Muitas vezes aparentam ser como um morador de rua: estão em ruínas, escondidos por uma parede social e invisível, são homens lentos, errantes, em farrapos, vagabundos. Habitam uma beirada e configuram sua existência em outro tempo, que não o fugaz e efêmero da cidade hegemônica. Há tempo para olhar, esperar, analisar, investigar e catalogar. Ali onde as regras são ditadas mais vezes pela sobrevivência que por outros fatores de natureza mais normativa, essas roupas resto são então objetos desterritorializados e desviantes, pois instigam outros universos de referência, estão permeando o sistema, quase invisíveis, mas com muita potência. Micro potência.

A “cidade-resto” é resto, portanto, pelo seu uso. É esse lugar subjetivo da existência de objetos, pessoas e espaços que levam consigo o peso de uma temporalidade que muitas vezes transgride o proposto ou imposto pela vivência nas grandes cidades. Ela existe no vazio do interesse urbanístico hegemônico, político e capitalístico e carrega em si o questionamento desse modo de existir nesses espaços, o questionamento da própria existência e da vida enquanto ciclo. A “cidade-resto” sobrevive entre os interesses que regem o urbanismo e é também uma das forças que age sobre ele. Existe dentro e fora dessa camada invisível que se instaura sobre todos os sujeitos e domina pensamentos e vontades, é às vezes agente dessa camada, outras vezes infringe suas regras.

Os caminhos irregulares ou tortuosos, a falta de calçada, a cusparada dada no chão ao lado do banco onde se senta diariamente, outra noção de higiene que não priva o corpo de experiências necessárias, como separar roupas de pessoas completamente desconhecidas, muitas vezes já mortas, ou revirar sacos de lixo na rua. Mas, ao mesmo tempo, a transformação de sua existência na “cidade-resto” em uma possibilidade de transgredir esse viver, de acompanhar os desejos capitalísticos comuns, uma possibilidade de, através dos agenciamentos que faz na cidade resto, poder participar de um consumo pacificado, se inserindo de alguma forma na chamada sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997) onde o resto não é bem-vindo. A cidade resto possibilita a

sobrevivência de seu sujeito de formas capitalísticas, assim, apesar de usarem as roupas que separam ou costuram, os sujeitos agentes da cidade resto que encontramos pelo caminho, consomem televisores de última geração, celulares *touch*, câmeras fotográficas, assistem filmes da sessão da tarde e não leem livros, a não ser a bíblia. Fazem de seu trabalho resto, a possibilidade de estarem inseridos na esfera do pensamento hegemônico. É, portanto, um lugar transgressor, que carrega em si valores outros que não os padronizados pelo pensamento hegemônico, porém é ele que possibilita sua existência, que por sua vez permite a sobrevivência de espaços, objetos e indivíduos. Garante através deles a sobrevivência da própria cidade resto, dando a esses sujeitos, espaços e objetos uma certa participação renovada nesse lugar do que predomina, nessa cidade formal, hegemônica, formatada para satisfazer as vontades de um poder dominante. O resto se configura, em meio a esse desejo de “não-vida” (RAMOS, 2008, p.160), de esterilidade do espaço e das coisas, de repetição simultânea, enquanto um intervalo, “pequenas células de inutilidade ou de utilidade incompreensível” (RAMOS, 2008, p.170), capaz de trazer a memória à tona, tornando sua própria sobrevivência única e singular.

Como o pão, que embolora aleatoriamente, em diversas partes de seu “corpo”, sem ordem ou lógica perceptível, o resto vai se alojando e sobrevivendo dentro dos limites desse hegemônico, e é o próprio hegemônico que embolorou. Não existe delimitação ou corte entre esses retalhos, eles se tocam, são costurados lado a lado e sobrepostos, suas tramas se confundem, se misturam. E é a roupa o objeto chave que nos encaminha por essas tramas.

III. O clarão da morte

A morte apareceu no meio do caminho para mostrar que o descontrole do campo e da vida é completo. Ela é um acontecimento que faz parte do trajeto da pesquisa, do caminho trilhado por nós e que, surpreendentemente, nos esclarece muitas coisas. Trazer à tona a morte de um personagem é uma escolha como todas as outras. Esse evento nos permitiu vislumbrar um universo de questões discutidas na dissertação, que estão envolvidas com o urbanismo e sua maneira de agir nas cidades.

A Costureirinha, moradora de um bairro periférico chamado Mussurunga, todos os dias pegava duas conduções para chegar ao seu trabalho, um ateliê na Baixa dos Sapateiros, área central da cidade de Salvador. Certo dia, já bastante doente, chegou em casa, depois de pegar suas duas conduções diárias e achou que deveria chamar uma ambulância. A ambulância veio, socorreu-a e levou-a para a internação. Devido aos poucos leitos vagos e as condições ruins de muitos hospitais, a Costureirinha foi levada ao Hospital do Subúrbio que é um ótimo e novo hospital, porém está do outro lado da cidade em relação à casa dela e de seus familiares, que também moram em Mussurunga.

A Costureirinha foi morar em Mussurunga por ter se inscrito em um programa habitacional da prefeitura, em meados da década de 1970. Havia um escritório na Avenida Sete, no centro da cidade, onde a população podia se inscrever no programa para ter sua casa no conjunto habitacional. A Costureirinha antes morava na Baixa dos Sapateiros, de aluguel, a algumas quadras do trabalho. Logo que se mudou para Mussurunga, a cidade se modificou para ela. O trajeto casa-trabalho, que antes fazia a pé, tomou outra dimensão: duas conduções diárias para ir e duas para voltar, o que lhe tomava em torno de 4 ou 5 horas diárias. Próximo a sua casa, que tem um grande quintal com árvores como Araxá, das quais ela tirava frutas para o lanche da tarde, não havia nenhum ponto de ônibus, por isso ela e os outros trabalhadores do bairro caminhavam aproximadamente dois quilômetros até chegar ao lugar onde a condução passava. Com os anos, a estrutura do bairro se modificou e por isso, de alguma forma, acabou se aproximando do centro da cidade, o transporte chegou até mais perto, o comércio do bairro se desenvolveu, escolas e hospitais foram sendo construídos. Porém, mesmo com o desenvolvimento do bairro, quando uma de suas moradoras necessita, ela precisa ser internada no outro extremo da cidade.

O que deseja atingir esse urbanismo que constrói conjuntos habitacionais distantes do centro da cidade, de uma infraestrutura básica e do transporte, afastando as pessoas de suas realidades, sua vizinhança e atingindo sua memória e sua produção de subjetividade?

Em nossas cartografias inventadas a partir da busca de pistas, percebemos algo importante em nosso trajeto logo após a morte da Costureirinha. A reflexão mais pertinente que nos veio, caminhando pela Baixa dos Sapateiros foi principalmente sobre a quantidade de edifícios em ruínas ou abandonados nas cercanias do Centro Histórico de Salvador. Não é difícil chegar à pergunta que chegamos: porque escolas, hospitais e moradias não são estruturadas nesses edifícios à espera? E estes edifícios estão à espera de quê? Serão estes espaços, espaços resto?

Nesse sentido falar de objetos e espaços à espera é também falar do vazio. E vazio não somente pela falta de preenchimento, mas principalmente pela falta da relação da qual falamos acima: corpo-objeto, corpo-espaço, corpo-corpo, objeto-espaço, relação tal que é um agenciamento social e político, o qual só pode acontecer através de sujeitos. O espaço urbano é envolvido por uma camada maior que é o meio social. Se a produção de cidade segrega quer dizer que a camada do social está afetada e, conseqüentemente, todas as outras também estão. Utilizar o urbanismo na construção de uma dinâmica que dá o real “direito à cidade” a poucos, em que a estrutura da cidade desfavorece até mesmo a circulação de seus moradores e o acesso a determinados lugares, é pensa-la enquanto camada estéril, impossibilitada de ser vivida em sua completude.

Considerações finais: Cidade resto ou resto de cidade?

Se não formos capazes de enlouquecer o ocorrido – entendê-lo como louco (não incompreensível, mas louco) –, de injetar variantes nele, mostra-los sempre à beira do apagamento, sempre à borda de outra interpretação, se o que ficar de um fato não for a borra de múltiplos fatos possíveis, se o efetivo não prestar homenagem a tudo que não subiu à superfície, se não cantar o réquiem dos acontecimentos que morreram, as notas inaudíveis de seus berros, bem, então será melhor recitar alto, todos os dias, as manchetes que a gente lê nos jornais, porque isso vai se resumir a nossa vida. (RAMOS, 2008, p.167)

Talvez ainda estejamos em processo. Um processo longo e lento em busca de modos de fazer cidade, urbanismo e roupa. Modos estes que talvez dependam do aprender a ver e sentir o espaço e sua temporalidade, que precisem do olhar para o que sobra por suas beiradas não como sobra, mas como parte desse todo fragmentado, como possibilidade de existência, como

uma outra maneira, diferente apenas, não errada ou subversiva. Talvez ainda estejamos em busca de entender esse corpo que habita o espaço e que o constrói e o modifica, em busca de perceber novas e velhas necessidades que podem ser atendidas em prol da construção de um lugar mais articulado e que preze pelo tempo da própria existência e da memória. Esse tempo que é lento, como o tempo da vida, que fica visível quando se planta em uma horta ou se vive do tempo da natureza. Talvez estejamos em uma crise de velocidade e na rapidez em que andamos não damos brecha para que as coisas que estão a nossa volta emergjam e nos mostrem as reais necessidades das cidades, dos corpos e da própria vida.

É como se houvessem na cidade espaços que sobram. Como terrenos baldios. Lugares que restam mesmo não sendo vazios. Eles tem um motivo qualquer para estarem ali. Especulação, esquecimento, abandono, descaso, desgaste ou simplesmente falta de uso. A cidade resto existe às beiradas desse urbanismo orgânico (OLIVIERI, 2011) porque ele não deseja vê-la, não pode alcançá-la. Quando o faz, é ainda deixando rebarbas, refugos espalhados pelos cantos. O urbanismo, que guiado por mãos poderosas, tenta construir uma cidade totalitária, acaba por fragmentar territórios, segregar pessoas, deixa escapar pedaços.

Os fios encontrados e emaranhados, configurações provisórias do se relacionar, foram nos dando as pistas, táticas de pesquisa, para encontrar caminho por onde seguir. Como se um fio puxasse o outro, essa pesquisa se fez em um tricotar conjunto, de muitas mãos, que guiaram a escrita em busca do compreender desse espaço urbano por vias vestíveis e espaços têxteis. Não falamos apenas de espacialidades, mas de tempo, como se um não pudesse existir sem o outro, já que não há construção de espaço sem estratificação de acontecimentos e memória.

Pelas mãos do Rueiro, do Catador e da Costureirinha, personagens conceituais extraídos de sujeitos encontrados por nosso caminho, encontramos os restos, sua potência transformadora do cotidiano e algumas reflexões sobre uso da ferramenta do urbanismo e do funcionamento dos mecanismos da moda. Chegamos ao encontro da cidade resto, onde pudemos descobrir que, pelas

mãos de diversos sujeitos e sua maneira de inventar o cotidiano (CERTEAU, 1994), é possível ultrapassar os limites impostos pelo poder e pensamento hegemônico.

Seguimos puxando os fios dessa costura tentacular e sem fim e descobrindo diariamente potenciais transformadores da cidade e do vestir que, mesmo sem formação ou estudo, sabem como fazê-lo, como construir algo em sua micro potência, dentro do raio de seu alcance: uma cidade mais justa e aberta, quase sem fronteiras, cidade esta que encontramos a cada porta aberta, café servido e história de família compartilhada durante esse fazer campo. Cada um revolucionando sua existência e seu entorno dentro da pequenez de sua capacidade política, de sua potência humana. Afinal, qual deve ser o tamanho das ações que realmente vão transformar as cidades? Quem será que empunha realmente a ferramenta do urbanismo? E mais, em que direção nos leva esse modo de fazer roupa que se vale de temporalidades inalcançáveis e produções impossíveis de serem consumidas integralmente? O que urbanismo e moda tem a aprender um com o outro? E o que os dois tem a aprender com as táticas cotidianas de seus usuários?

Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, J. A sociedade de consumo. Lisboa: Edições 70, 1995.
- CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. O que é a filosofia? Vol.1. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol.3. São Paulo: Editora 34, 1996.
- GUATTARI, F. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MESQUITA, C [tese]. Políticas do vestir: recortes em viés. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.
- OLIVIERI, Silvana. Quando o cinema vira urbanismo. Salvador: EDUFBA, 2011.
- PELBART, Peter Pál. Vida Capital: Ensaio de biopolítica. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.
- RAMOS, N. Ó. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SANTOS, M. Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.